

O TRAJE VERMELHO, À VIANESA **

por AMADEU COSTA *

ACHEGAS PARA A HISTÓRIA

«1. Um trabalho de índole histórica sobre o General Norton de Matos, uma breve peça humorística centrada no Fagundes 'navegador vianês' e sobretudo os '*curricula*' diversificados dos oito membros da Equipa, fizeram apurar a 'Prata de Viana', entre seis equipas do Distrito.

2. A Equipa, quase toda darquense, era constituída pelos seguintes elementos: Vítor José Lima (capitão), técnico de controlo industrial e Margarida Cunha e Lima, a trabalhar na AVIC, casados; Maria Goreti Paiva, professora primária; Teresa Araújo Ferreira, educadora de infância; José Dinis Costa, empregado comercial e José Manuel Cruz, estudante.

Como suplentes, Maria José Cerqueira, estudante e José Mesquita R. de Matos, Diácono e Professor. Os convidados foram Amadeu Costa, na Entrevista (aqui publicada); António Freitas São João (Fininho), com o 'Chico Zarolho' e o 'Vira de Dem' e Rui A. Fernandes, com uma peça para piano, da sua autoria. Como apoio cultural, M. Gonçalo P. do Vale, Diácono e Professor.

3. Na 3.^a sessão, a 27 de Abril deste 1980, no Teatro Vilaret, em transmissão directa de 3 horas pela RTP, a 'Prata de Viana' venceu brilhantemente a equipa lisboeta 'Nabos da Púcara', por 12-6, tendo chegado a 8-0. Equipa lisboeta que foi escolhida de um grupo de 21 e que era chefiada por Isaltino Afonso Morais.

* Investigador de Etnografia Vianense.

** Este artigo reproduz o texto da entrevista apresentada no programa «Prata da Casa» da R.T.P., com anotações especialmente acrescentadas para esta publicação.

4. De realçar o papel importante da claque de Viana, de camisolas amarelas, bem ensaiada, com incisivos cartazes. A tarefa era arranjar a maior galinha do Distrito, que encontrada no Bairro da PORTUCEL, em Mazarefes, venceu a alfacinha.

A prova de humor, de temática político-social, passava-se no 'Restaurante P(R)EC sem cobertura'.

Para além dos prémios de vencedores, veio também para Viana a máquina de lavar, sorteada, a caber à Teresa Ferreira.

5. O Concurso 'Prata da Casa', da autoria de Raúl Solnado e Fialho Gouveia, que o apresentou, teve como cinco membros do júri: Beatriz Costa, Maria Elisa, Ribeiro de Melo, Alexandre O'Neil, Branquinho da Fonseca. A realização pertenceu a Luís Andrade.

Disputado em sistema de eliminatórias, entre os 22 distritos.»

(Transcrito do Jornal «Notícias de Viana»)

INTRÓITO

«Um dos números mais apreciados da 3.^a sessão do concurso televisivo 'Prata da Casa', em 27 de Abril de 1980, na qual a Equipa de Viana eliminou rotundamente os concorrentes de Lisboa, foi a entrevista.»

Essa entrevista aí a tendes:

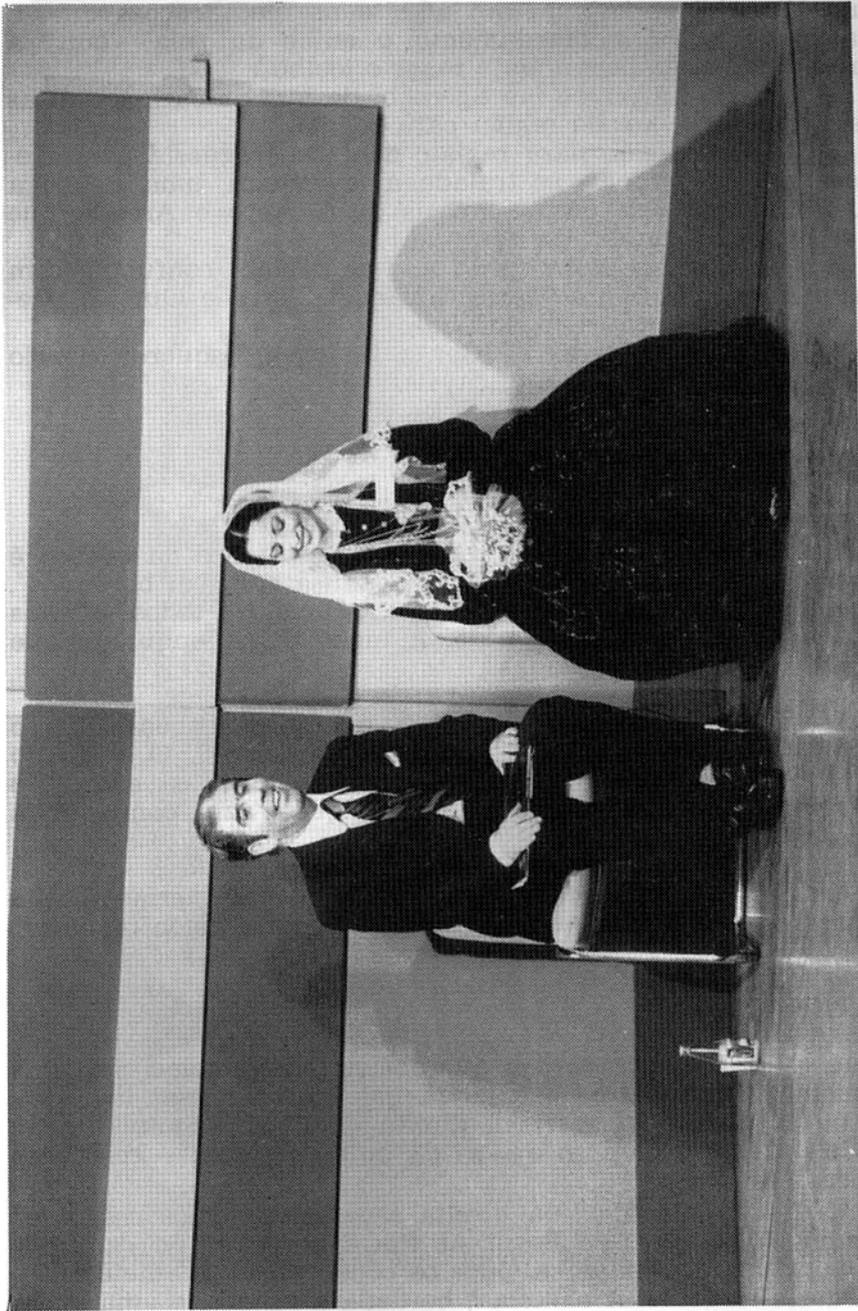
MARGARIDA CUNHA: — Amadeu Costa está connosco. Há cerca de vinte anos ligado à Romaria da Agonia, a ele se devem as manifestações de rua daquela tão afamada romaria, mais concretamente os cortejos Etnográfico e Histórico¹.

Amadeu Costa, o que nos pode dizer sobre o fato à minhota que tão profusamente esses Cortejos (de Etnografia) mostram?

AMADEU COSTA: — Se pretende referir-se ao nosso inigualável e policromo traje «à Lavradeira», quero dizer-lhe que chamando-lhe *traje à minhota* está a alcunhá-lo. O traje é de Viana e daí ter também o nome de «traje à vianesa»². Ele é uma criação das nossas camponesas — que o tecem, que o talham e que o bordam³. Tem mais ainda os nomes de «traje de luxo», «traje de festa» e «traje da moda». Todavia, mais vulgarmente, é tratado por «traje à lavradeira».

M. C. — As aldeãs ainda hoje se vestem com tais fatos?

A. C. — Pois vestem, como sabe, embora não tanto quanto uns anos atrás⁴. O «traje à vianesa», o «traje à lavradeira», não é, como tantos outros, um fato de museu. É, passe a expressão, um traje vivo e (assim opinava o saudoso etnógrafo Manuel



Margarida Cunha e Amadeu Costa — ao começar a entrevista

Couto Viana) por isso mesmo admite as modificações que, a cada passo, sofre, nomeadamente o subir da saia — outrora tocava o tornozelo, hoje anda a rasar o joelho⁵.

M. C. — Só há pouco me apercebi de que as características desse traje variavam de região para região.

A. C. — De região para região, não! De freguesia para freguesia, sim! É verdade: se trajada à lavradeira, uma rapariga de Afife distingue-se das raparigas de Carreço e Areosa, que são freguesias vizinhas, da beira-mar.

Por sua vez, as desta corda não se deixam confundir com as lavradeiras de Santa Marta, Meadela, Perre e Outeiro, freguesias da margem direita do Lima.

As moças das Terras de Geraz (margem esquerda do rio Lethes) são facilmente identificáveis.

TRAJES DE AFIFE, CARREÇO E AREOSA

M. C. — E como é possível essa destrinça?

A. C. — O caso de Afife, por exemplo: o lenço da cabeça é amarelo, o do peito⁶ é alaranjado. A camisa não tem bordados⁷. O forro da saia é azul. O avental listado é, de todos, o mais simples dos aventais deste traje. A meia é lisa, enquanto que todas as demais são rendadas⁸.

M. C. — Que diferenças nos revela o de Carreço?

A. C. — Os lenços são vermelhos, quer o da cabeça, quer o do peito⁹. A camisa, que já apresenta bordados¹⁰. O preto do forro da saia¹¹ — todos os forros das saias são pretos, excepto o de Areosa, que é vermelho e o de Afife, que é azul, conforme já se disse.

M. C. — E o de Areosa? Como o distingue?

A. C. — Pelo seu tom álaçre. Esse é o mais vermelho dos fatos vermelhos e todo esse vermelhão o torna inconfundível¹².

OUTROS TRAJES

M. C. — Já agora gostava que nos explicasse como consegue extremar as lavradeiras já citadas, das outras nossas lavradeiras, ou sejam, as da margem direita do Lima — Santa Marta, Meadela, Perre e Outeiro e — as da outra margem — Terras de Geraz.

A. C. — Os da margem direita são trajes mais ricos, *mais afidalgados* no dizer do Povo! As flores bordadas na camisa¹³, a silva no forro da saia¹⁴ e todos os ornamentos do colete¹⁵, são dum gosto singular. A chinela¹⁶, bordada a branco, é uma outra



No palco do Vilaret, a entrevistista prossegue. (Da esquerda para a direita) sobressaem, vestidas à vianesa (o fato que essencialmente era realçado) Teresa Araújo Ferreira e Maria Goreti Paiva.

sua característica. Tudo isto a conjugar-se com a riqueza do avental atapetado às rosas, que é uma criação santamartense¹⁷. E a algibeira¹⁸.

M. C. — E aquele traje verde?

A. C. — É único. Só o encontramos nas Terras de Geraz. Nele só não é verde a camisa (que é branca), o forro da saia, preto¹⁹ e as meias brancas, como todas as demais; (a chinela é preta, claro!). De resto, os lenços, colete (preto só é o seu «rigor»), o corpo da saia e o avental, têm uma grande predominância de tons verdes.

RIGOR E BICHANEIRA

M. C. — Estou a saber que o forro da saia é o que correntemente se chama barra.

A. C. — Exactamente²⁰.

M. C. — Ouço chamar «rigor» a uma certa parte do colete. Qual é?!

A. C. — A parte baixa, a parte da cintura, aquela que é em veludo (normalmente preto). Chama-se-lhe rigor porque obedece a medidas de certa exactidão a fim de se ajustar o melhor possível ao corpo. Em relação ao resto (do colete) a parte pregueada que acomoda os seios, já não exige os mesmos cuidados da costureira — faz-se a olho, sempre farta, de modo a que «tanto possa levar o pouco como o muito». Sei que me entende!...

M. C. — Acho graça à expressão «rigor». «Rigor»! Sei que conhece uma designação brejeira que define um determinado pormenor do fato!

A. C. — Conheço! Conheço!

M. C. — Pode-se saber qual?

A. C. — Ora porque não! É a «bichaneira».

M. C. — A «bichaneira»?!!!

A. C. — Sim, a «bichaneira», que é a «aberta», a «abertura», que separa a saia no cóis, abertura que o avental tapa. Curiosamente, o nosso aldeão, para dar a ideia de um já muito longo namorar, diz — e com malícia! — «isso já é namoro munto adiantado ... Olhai qu'ele já lhe mete a mão na bichaneira! ...»

A NOIVA MINHOTA

M. C. — Por que é preto o fato da noiva altominhota?

A. C. — Pela mesma razão por que é preto um fraque ou uma casaca! Então o preto não é tido como cor de cerimónia? Mas quero dizer-lhe que o fato preto não era um exclusivo da



Na escadaria do Teatro Vilaret onde o concurso «Prata da Casa» se desenrolou, Ribeiro de Melo, um dos mais destacados Membros do Júri, ao despedir-se, felicita na pessoa de Amadeu Costa, toda a equipa pela sua participação que classificou de brilhante

noiva. A mãe desta, a madrinha e as demais mulheres que formavam o cortejo nupcial, vestiam de igual modo.

A noiva distinguia-se pelo véu (a que chamavam *balbinete* ou *lenço de bobinete*), que era branco. O das acompanhantes era de cor, em seda natural (conhecido por «chinês»). Mais se destrinchava a noiva pelo ramo (!) e pelo lugar dado à algibeira: ordinariamente posta do lado direito; porém, naquele dia — e só naquele dia! ... — ocupa o lado esquerdo. Daí o comentário popular: — no dia do casamento tudo muda; até muda o lugar da algibeira!

O ENGANO DO MUITO OURO

M. C. — E o ouro! Aquele peito recamado de cordões ...

A. C. — Não há dúvida que é bonito. Mas está errado! Aquilo que se vê nos cortejos pode dar uma ideia deformada da camponesa de Viana, que tem, como poucas mulheres, um elevado sentido de economia. O ouro, para a aldeã vianesa, sendo um adorno, é mais um peteiro que lhe pode valer numa doença, numa aflição! Um valor assim, salvaguardadas as necessárias conveniências, à certa que era aplicado na compra de um campo, de uma leira, enfim, numa coisa que desse rendimento. Lógico seria: os *brincos à rainha*²¹ — os primeiros foram dados pela madrinha de baptismo e depois trocados; o *fio de contas*²² — o primeiro ouro por ela adquirido, pois as suas contas foram compradas uma a uma com o produto da venda dos ovos, nas feiras, oferecidos pelos pais; um *cordão* dado pelo noivo como prenda de casamento e outro ainda dado pelo pai, também como prenda de noivado; depois (por acréscimo para «botar figura») um cordão da mãe, da avó ou mais ainda qualquer outro que na casa houvesse. E pronto, de modo que o «ouro da noiva» seriam três (?!), cinco (?!), o máximo sete cordões (?!).

VELAS E MORDOMAS

M. C. — Sobre a vela votiva, o que nos pode contar?

A. C. — A vela votiva é uma insígnia das nossas mordomas. Por isso mesmo se lhe dá o nome de vela de mordomia.

M. C. — As mordomas ...

A. C. — (*De imediato atalhando*) São raparigas solteiras e virgens — virgens, note bem! — que formam grupo com rapazes ou homens (a Comissão) cuja finalidade é promover e realizar a festa ao Santo ou Santos da freguesia.

A condição mais importante para ser mordoma é ser don-

zela. Ora, no dia da festa, a mordoma assiste à missa solene (em lugar destacado) com a vela acesa.

Ingenuamente os aldeões de Viana acreditam que se a vela se apagar é porque então não havia virgindade.

Vejam bem a angústia daquelas pobres raparigas! — uma porta que inesperadamente se abre, um sopro maldoso, estão na base do desfazer de tantos casamentos. E quantas vezes as velas se mantiveram acesas quando deviam apagar-se e vice versa. Por isso, agora, para que não hajam dúvidas, as velas não deviam acender-se! ...

M. C. — Muito obrigado, Sr. Amadeu.

NOTAS

¹ É muito justo realçar, entre outros, o papel altamente relevante que durante largas décadas tiveram o Dr. João da Rocha Páris, Manuel Couto Viana e Margarida Branco Cerqueira, não apenas no que respeita aos tão apreciados cortejos Etnográficos, mas também e especialmente, no tocante à Festa do Traje, número de incomparável beleza da castiça Romaria em honra da padroeira dos Pescadores, o qual só Viana, a «Capital do Folclore», tem possibilidades de realizar e cuja criação se deve a esses notáveis Vianenses.

² Alturas houve em que se entendeu que o uso do «fato à lavradeira» se limitava somente a três freguesias da orla marítima — Afife, Carreço e Areosa — e à da margem direita do Lima — Meadela, Santa Marta, Serreleis, Perre e Outeiro. E por isso se dizia: «o traje não atravessou o rio»! ...

³ São de Ramalho Ortigão, em «As Farpas», as seguintes palavras: — «A camponesa de Viana está ricamente vestida pelo trabalho que só ela executou, desde a primeira manipulação das substâncias primas tomadas à matéria bruta, até ao último ponto da costura e à última malha da renda. De duas ovelhas, de uma leira de terra e dum punhado de semente, ela extrai, pela sua aptidão e pelo seu talento, todo o enxoval do seu noivado e todo o bragal da sua família.»

⁴ Mau grado, presentemente, as raparigas do campo pensam que o «traje de festa» — que tanto as valoriza — as indentifica como parolas, como labregas, e mostram-se relutantes em vesti-lo. Que tolice, «Senhor meu!» No entanto, numa tão consoladora contrapartida, as moças cidadinas mostram-se mais receptivas em usá-lo quando para tal as solicitam, o que, de certa maneira, se vem tornando num incentivo para que as aldeãs não substimem, melhor, não releguem tão bela, quão extraordinária e genuína indumentária.

⁵ Ouçamos Cláudio Basto: — «Verifica-se que nalgumas dezenas de anos, em menos de meio século, o traje à vianesa se modificou.»

E suas são também estas palavras: — Facilmente se calcula como ele há-de continuar a modificar-se. O caso é que não se desfigure, que prossiga na sua evolução como até aqui, sem se afastar do plano que o caracteriza.»

⁶ Ao «lenço do peito» outros nomes lhe atribuem, tais como: «lenço do peçoço» e «meio lenço» (é cortado a meio — de um fazem-se dois lenços — e daí a designação; esse corte torna-o em «lenço de três pontas»).

⁷ Aqui, em Afife, vezes houve em que uma farta gola rendada constituía enfeite da camisa. Sobrepunha-se ao lenço. Porém, agora — e já há bastantes anos assim sucede — a preferência inclina-se em apresentá-la decotada, o que, aliás, se obtém com a ajuda do lenço (de peito) na qual a enrolam em jeito de a esconder, sensivelmente, até à altura em que os seios se desenvolvem. Por isso, além das mangas — mas que faceta tão curiosa! — o seu branquejar apenas é notado pouco

mais que uma mão travessa ao redor da cintura, estabelecendo uma separação entre o colete e o cós da saia, sem que, portanto, haja qualquer sobreposição ou sequer junção. Neste particular de vestir assim a camisa, Carreço também adoptou a moda. A Areosa, embora mais discretamente, segue as pisadas daquelas freguesias suas vizinhas.

Cita-se — como curiosidade — que o ouro (as contas e duas ou mais voltas do cordão) a refulgir na parte desnuda do peito (no decote, já se vê) empresta-lhe um tão gostoso tique...

⁸ É na realidade surpreendente a diversidade de pontos que se usam na confecção das meias das nossas lavradeiras. É um espanto! Maria Emília Sena de Vasconcelos, no seu trabalho que intitulou «Falando de Meias», refere pelo menos trinta e cinco.

Em tão importante recolha, aquela investigadora, não somente citou a nomenclatura dos pontos, mas também citou quadras populares, e não só, em que as meias serviram de inspiração.

É uma tentação não perder a oportunidade de aludir a uns tantos desses pontos e quadras. Ora, pois, com a devida vénia, passo a fazer tal citação!

Pontos: — «Folhinhas», «Ovos», «Cana e Rede», «Telhado», «Cana e Trevos», «Mate e Laço», «Riscas e Moscas», «Barrinhas», «Espinha Fechada», «Espinha Aberta», «Chão ou Cheio», «Lagartas», «Topiado» e «Risca e Pinhas».

Quadras: —

Não me belisques as meias,
Vê-as de longe à *vuntade*.
Que só mas tiras dos pés
Depois das bênçãos do Abade.

As minhas meias de linho
São *cum'a* toalha do altar.
O que há por baixo é sagrado,
Ninguém lhe pode tocar.

Não quero meias de seda,
Qu'o fidalgo m'ofreceu,
Quero as do linho da terra
Qu'ê pobrinho *cumo* eu.

⁹ Os primitivos lenços, em pura lã, eram provenientes da Áustria e por isso lhes chamavam austríacos. Posteriormente, a sua importação fazia-se da Checoslováquia e, por fim, passaram a ser produto nacional. (Hoje, em lã, já os não fabricam, mas em fibra. Todavia, a imitação está longe, tão longe de satisfazer, com manifesto prejuízo do nosso *traje à vianesa*...)

Quer os da cabeça, quer os do peito, são franjados, como aliás franjados são todos os lenços do *fato à lavradeira*. As franjas — a que também referem por «barbas» — nem sempre constituíram moda.

Em Santa Marta, o tom amarelo do «meio lenço» mereceu em tempos uma certa aceitação. Essa variante decaiu, pelo que, então, o gosto se fixou no tom vermelho.

¹⁰ Nas camisas do Carreço, o bordado (flores e folhas) nos ombros tanto pode ser em cor azul, como matizado de azul e vermelho, conforme tão amavelmente me informou a minha amiga Teresa Freitas Malheiro, para quem — assim como para tantos seus patrícios, meus amigos também —, o traje regional não tem segredos. Já se mencionou que a camisa carrecense não se vê no peito. Como tal é lisa nessa parte, ou seja, desprovida de bordado. Para conseguir o decote procede-se como em Afife.

Carreço — ouve-se dizer — perdeu o seu primitivo traje. O actual é bonito e já há um ror de anos as suas raparigas o envergam com muito garbo. Observado de relance pode confundir-se com os da margem direita do Lima.

¹¹ O forro (barra) da saia carrecense (é, como o dos trajes da margem direita do rio, em baeta preta) não ostenta qualquer ornato (silva). É liso, como liso é o de Afife. Isso não se dá com o de Areosa, que é bordado. A lã (*lã doce*), retrós, vidrilhos, missanga e lantejoulas, são os materiais que, por via de regra, se empregam nesse lavor.

Noutros tempos, em Carreço, o forro era esbicado na parte superior, e a saia armavam-na de modo a ajustar-se perfeitamente ao colete, sem permitir que a camisa fosse observada na cinta. Esse uso vai desaparecendo, ou já desapareceu mesmo, e daí a camisa ser vista nessa parte do corpo.

¹² O traje de Areosa, comercialmente, é o que tem mais saída. A exuberância da sua alacridade imprime-lhe um grau de aliciante fantasia, que nenhum dos seus similares oferece.

Se adquirido no comércio local, por sistema não é o avental *atapetado às rosas*: o que fornecem, mas sim o de «quadros» — «bantal de cadros» — o seu primitivo avental.

¹³ Merece referência especial o esmero dispensado à execução da camisa, sobretudo ao modo de a enfeitar com tão artístico pregueado e lindo bordado às folhas e flores.

A linha empregada é azul forte.

Nas ombreiras, mangas e punhos aparecem-nos o «cheio» ou «regional» e o «pé de flor», pontos aplicados também no peito se este for bordado. Na ligação das mangas aos ombros e aos punhos, temos as «pregas de imprensa», e, finalmente, no pescoço, abotoadura e punhos (no seu remate) emprega-se o «caseado» ou «ponto de caroché».

Pertença ela a que traje pertencer (escusado será dizer que me estou a reportar aos trajes regionais do concelho vianês!) o pano da camisa — a partir da cinta para baixo — é noutro pano, de inferior qualidade se o compararmos com a parte de cima. Esse acréscimo é designado por «falda», «faldrá» ou «rabeira».

Registe-se que as nossas bordadeiras, entre outros, usam os seguintes pontos.

— «Crivo» (chamam-lhe também «Rede» ou «Ponto aberto»); «Cheio» ou «Regional»; «Cordão» ou, ainda, «Pé de flor» e «Ponto de haste»; «Areia»; «Matiz»; «Crivo fechado» ou «Ponto de cruz»; «Nó» ou «Nozinho»; «Espinha de peixe»; «Olho de formiga», «Formiga simples», «Formiga» ou, mais, «Caminho de Formiga».

Na barra da saia e no colete merecem preferência o «Cheio», «Matiz» ou «Matiz bordado por cima» (este último é tido como inovação!).

Na tira do avental, para a palavra AMOR ou VIANA, bem como as iniciais do nome da possuidora e outros motivos, pode dizer-se que não há qualquer outra alternativa, é o ponto de «Cruz».

Geralmente servem-lhes de inspiração, além de figuras geométricas, tais como: «quadrados», «triângulos» e «losangos», as «Japoneiras» (Camélias); «Foices» (estilização da foicinha); «Rosas»; «Corações»; «Chaves»; «Pássaros» e «Cãezinhos».

O «pérolé» (perlé) em seda ou algodão, lãs, cordões prateados ou dourados, são os materiais que empregam. Lantejoulas, vidrilhos, contas, missangas, andam quase sempre associados a esses outros materiais e dão muita fulgurância ao «rigor» do colete, forro da saia e algibeira.

Interessante a semelhança dos bordados — e não somente esses — das nossas camisas com os de idêntica peça dos fatos típicos dos povos ucranianos, romenos e húngaros. Em que medida haverão concorrido para tal as tradições marinheiras de Viana, sabido como é que no Século XVII os seus navios (mais de 70!) cruzavam todos os mares do mundo?! ...

¹⁴ A saia é referenciada por «saia vermelha» — pois vermelha ela é, claro! — ou «saia de lã do Porto», que é uma lã de fabrico industrial, e não de origem caseira, como a usada nas demais saias em especial as de cotio.

Com a saia principal a camponesa veste outras, ou seja, as saias de baixo, saias brancas ou saias de armar. Enfim aquelas que ajudam a formar anca e que em linguagem mais erudita tratam por anáguas.

O povo tem por hábito considerar «desrabada» a mulher *falhenta* de anca. Daí que, para «bem armar» a lavradeira vista sempre, no mínimo, uma saia branca.

Além dessa, a modos de compensar a exiguidade de «cadris» (leia-se quadris) poderá envergar outra e outra mais ainda! E que bom cair a saia de fora toma!

A camisa (atente-se que o nome é camisa e não blusa) apresenta comprida fralda. Mas fralda travada, de roda escassa, apenas a roda indispensável. Ora aqui tendes uma maneira de prescindirem de calças que jamais foram peças constantes do enxoval das nossas camponesas. Com efeito, à camisa concebida nessa forma, estava reservada a função de esconder as pernas, pois, para as nossas avós, constituía atentado ao pudor, mostrá-las acima do tornozelo. Realmente, encobrir as pernas, era ponto de honra! Nem acontecia sem calculado propósito, as dançadeiras descenderem os braços nas voltas do vira. Assim a saia se «acadimava» sem fazer balão.

As anáguas têm bastante roda. Introduzem-lhe muitas bastas a fim de as tornar menos «môleiras», para lhes dar, portanto, um rodado mais consistente. No seu remate pregam-lhes rendas ou bordados, os quais a saia principal deverá encobrir totalmente. Não é de bom tom evidenciar tais rendas e bordados. Se assim não o fizer, a dona sujeita-se a passar por desarranjada, libertina ou, no máximo dos extremos, por «Maria dos soldados» — até porque na Ribeira de Viana se sustentava a ideia de que exibir tais enfeites causava excitação aos homens. Vejam lá! ...

¹⁵ O colete é, no «rigor», em veludo preto e, na parte restante (o corpo), em baeta ou flanela vermelha. No «rigor» são postos os ilhós através dos quais passa o cordão branco que o aperta na cintura. É nele também que se introduzem as varetas que funcionam como espartilho.

Na sua parte superior, enfolada somente onde resguarda os seios, o apertar faz-se por duas pontas de 10 cm que se deixam, para o efeito, do fitilho de lã do debrum que por via de regra a obra exige.

O bordado apenas se vê nas costas, particularmente no «rigor». Nas traseiras o colete é liso e aí o seu corte, na cinta, é em jeito de meia lua.

O «rigor» do colete do traje à lavradeira de Areosa (e é do «fato à lavradeira», vermelho, que essencialmente estamos tratando) nem sempre se circunscreveu ao tom preto, visto que outros tons tem revelado, nomeadamente o vinoso e azul.

¹⁶ A chinelinha de Viana — em cuja perfeita execução eram mestres o velho Aguiar, o Constantino Fartura, o António Viana (Belém), o João Magalhães, o Santiago Ribeiro e o Zé Rancheiro, todos já na vida eterna, tinha uma fôrma especial (sem esquerdo, nem direito) de modo que se adaptava a qualquer pé. Assim, se largadas a dançar, mesmo a dançar as enfiavam de novo nos pés sem qualquer preocupação de saber a qual deles pertencia. Eram em calfe ou verniz. Tanto podiam ser lisas, com laço e fivela ou então bordadas a branco e, raramente noutros tons, incluindo o vermelho. Casos havia — a terra areosense nos servirá de exemplo — em que a chinela podia ser em camurça preta ou castanha, com ou sem lacinho.

¹⁷ O «avental moderno» ou «avental vermelho» conforme também se lhe chamou antes da aparição do «fato azul de dó», que, hoje, salvo Afife, todas as freguesias adoptaram, em substituição do velho avental — que revelava formas geométricas. E bem lindo era também! ...

¹⁸ Dá-se-lhe, bem sabemos, a aplicação de bolsa. O seu talho simula um coração — coração flamejante ou, mais popularmente, coroação coroadado (!). Orná-la requiere cuidados especiais, pelo que são indispensáveis lãs, retrós, fios de ouro e prata, vidrilhos, missangas, contas, lantejoulas, galões para debruar ou enfavar.

Tão raro é não ver nelas figurar as palavras: VIANA — AMOR.

Essencialmente a algibeira do traje à vianesa está na origem do *slogan* VIANA É AMOR, *slogan* que para Amadeu Costa tão grato é reivindicar a autoria.

¹⁹ A saia verde de Geraz, não é, na maioria das vezes, somente listada como as saias da corda da beira-mar (a de Areosa poderá figurar como caso especial) e as da margem direita do Lima. Apresenta «moscas» e «arabescos» que fazem lembrar as das moças serranas, embora não tão ricas como as destas.

(Abro um parêntesis para esclarecer: Como particularidade as saias de Areosa podem apresentar, nas suas «leiras» [espaços entre os tirados longitudinais] desenhos geométricos que, em geral, nunca se repetem, todos são diferentes, portanto.)

A aceitação do fato de Terras de Geraz tornou-se muito polémica. Punha-se em dúvida a sua autenticidade em terem-no como indumentária típica das gentes

de Moreira, Santa Leocádia e Santa Maria, de Geraz do Lima. Considerava-se como embuste. E nessa convicção que, repetimos, criou séria polémica, durante largos anos, esteve interdita a sua figuração na Festa do Traje, a qual, ninguém ignora, é um dos números mais qualificados da Romaria da Senhora da Agonia. Graças ao muito saber e avalizada interferência do Conde d'Aurora tudo foi ultrapassado e ainda bem! Assim maior se tornou a nossa riqueza etnográfica. O fato verde possuía tradições, aliás muito honrosas, e, senão, atente-se que a «voz de Deus» porque é a voz do povo, proclama: as aldeãs do sítio o vestiram para saudarem a Rainha Dona Maria II quando por Terras de Geraz passou na altura em que — 8 de Maio de 1852 — veio visitar o burgo vianês que quatro anos antes havia elevado a cidade, dando-lhe o nome de Viana do Castelo.

Tal como seu pai, Maria Antónia Aurora, foi invulgar propagadora do lançamento do traje verde em causa. Vestindo-o para participar em Cortejos Etnográficos da citada Romaria da Senhora da Agonia, em representação das Terras escassas em milho, mas férteis em vinho (e que vinho!) encantava pelo seu donaire. E nas vezes em que descalça pisou as pedras das ruas de Viana — a enquadrar a «taberna» que José Rio de Castro e sua mulher tão engenhosa e castiçamente armavam num carro puxado a bois, a hoje — suponho! ... — Avó Antónia arrancou aplausos à farta e que tanto exaltaram o séquito que encabeçava. Quem poderá ter esquecido o letreiro que sempre exibiam:

Se fores a Geraz
Leva pão e beberás!

²⁰ Na saia há a considerar: a trincha (cós), o corpo e o forro (barra). Este, no avesso, é revestido a riscado para lhe dar mais rijeza.

A altura da trincha (para o efeito — adivinha-se! — muito conta a estatura da possuidora e também o gosto de quem arma a saia (a costureira!), varia entre 1,5, 2 e 3 cms.

As «riscas», isto é, o que se granjeia ao tear aldeão, atingem 50, 60 ou 65 cms. Com a aplicação do forro (30 a 40 cms. é a altura deste) «apanham-se-lhes cerca de 15 cms. Logo, pronta a vestir, a saia poderá ter o comprimento de 65 a 85 cms.

Quanto à respectiva roda (largura) será de 2,5 m. a 3,00 m. Esta última medida é a que melhor tique produz, especialmente, na dança, pois forma «grande balão».

Presta-se a reprovação ver passar a saia acima do joelho. Outro tanto sucede se em vez de chinela de calfe, verniz ou camurça, calçam sapatos ou sandálias.

²¹ As nossas camponesas não se deixam impressionar pelas filigranas (mais preferidas pelas mulheres durienses). Daí, em filigrana, a «estrela», a «laça», a «ques-tódia».

Inclinam-se para peças maciças, sem pedrarias e sem grande feitio, porque pedras e feitio é coisa que o «ulives» (ourives) e o penhorista também, não paga no caso de eventual troca ou venda — para ele apenas conta o «peso do ouro». Por isso, as medalhas, as libras ou meias libras, os quintos e os pintos, tudo usado com ou sem «encastamento» nos cordões, ou, ainda, como alfinetes ou brincos. E mais o «cruxifixo» (ou «Senhor»), as «balberetas», «berberetas», «berbeletas», a «Senhora da Conceição», os «corações» — que são objectos de concepção simples. As argolas («irgolas») eram também usadas pelas lavradeiras de Viana.

²² Inicialmente formava o «meio fio» (dezasseis ou dezoito ou vinte contas); só depois viria a completar o fio (trinta e duas ou trinta e seis ou quarenta contas). Estas podem ser lisas, filigranadas, pipos ou rocões, segundo o seu feito ou forma. Tal como os brincos que nunca saem das orelhas (a mulher sem brincos é uma mulher fanada); as contas também se vêem sempre ao pescoço da lavradeira vianesa. Nem mesmo para dormir ela as tira — a respectiva enfiadura, ordinriamente em retrós vermelho, rematada por uma borla multicolor, que tanto a encurtece como alonga, é já assim concebida para evitar o amolamento a que facilmente as mesmas estariam sujeitas.